

REFLEXÃO SOBRE A VIOLÊNCIA EM *REI ÉDIPO*

Teresa Bastos Rodrigues

Psicóloga clínica, grupanalista

Membro efectivo da Sociedade Portuguesa de Grupanalise

RESUMO

A autora apresenta uma reflexão sobre a violência fundamental na peça *Rei Édipo*, de Sófocles. Incide a sua análise na primeira parte da peça, não representada, onde encontra o infanticídio, o parricídio e o matricídio como formas de violência primária e fantasias arcaicas universais. O grupanalista é comparado a Édipo, em Colono, que tem um profundo conhecimento da sua verdade e já integrou adequadamente a violência na corrente libidinal.

PALAVRAS-CHAVE

Violência, libido.

REFLEXÃO SOBRE A VIOLÊNCIA EM *REI ÉDIPO*

No contexto de grupanalise, onde ocorrem movimentos de regressão e progressão activas e de modo diferente em cada elemento, onde as transferências grupais (intratransferências – transferência com o grupanalista; intertransferências – transferências entre os elementos do grupo, frequentemente designadas por transferências laterais; e o deslocamento das transferências que dizem respeito ao grupanalista para elementos do grupo) estão sempre presentes, o despertar de fantasias arcaicas é constantemente suscitado. Ora, estas fantasias geram muita inquietação, quer para o próprio que toma consciência delas, quer para os outros que por vezes ainda não as tinham pensado. Trata-se de fantasias que fazem parte de um inconsciente colectivo, ligadas a instintos brutais e carregadas de violência.

Entende-se violência como uma força vital primária, necessária à sobrevivência, como uma luta vital presente desde o início da vida, que Freud designou de pulsão de autoconservação (Bergeret, 1984). Não há prazer na violência, apenas a sobrevivência em primeiro lugar e depois a manutenção da espécie estão em causa. O investimento objectal dá-se na relação a dois sendo que só pode existir um ou zero, eu ou o outro.

As fantasias arcaicas a que nos referimos culminam com a morte, e esta é a pior das violências (R. Girard, 1972). O infanticídio, o parricídio e o matricídio constituem a base destas fantasias violentas, relacionadas com uma rivalidade entre: criança e pais; jovens e velhos; fracos e fortes; enfim, com a diferença de gerações.

Freud elegeu a peça de Sófocles, *Rei Édipo*, como modelo da evolução afectiva no ser humano, considerando a universalidade do desejo de parricídio e incesto, isto é do desejo das violências mortíferas e sexuais. Mas a primeira parte da peça, não representada, apresenta-nos outro tipo de violência, a que se liga à luta pela vida.

Debrucemo-nos um pouco sobre a seguinte síntese de *Rei Édipo*¹.

Laio, rei de Tebas, e Jocasta, sua esposa, consultaram o oráculo de Delfos sobre a infecundidade do casal, escutaram a seguinte sentença: "Se tiverem um filho, este virá a matar o pai"².

Jocasta tem um filho que manda expor às feras na montanha de Citerão, atado pelos pés para que não pudesse deslocar-se. No entanto, o servo que é incumbido desta tarefa, com pena da criança, não obedece e dá a criança a um pastor de Corinto. Este último leva a criança a Pólipo, seu rei, que a adopta. Como tinha os pés magoados pelas cordas que os atavam, deram-lhe o nome de Édipo que designa pés inchados. Foi criado pelo rei de Corinto como seu filho.

Em adulto, Édipo ouve uma alusão à sua condição de filho adoptivo. Vai a Delfos e consulta o oráculo. Daqui é expulso como futuro assassino do pai e esposo da própria mãe. Fica muito perturbado e afasta-se de Corinto, daí saindo sem destino.

Numa encruzilhada encontra Laio com uma pequena comitiva, que se dirigem a Delfos. Como o atacaram, sem saber quem eram, reage lutando, e acaba por matar Laio.

Vai para Tebas, onde enfrenta a Esfinge. A Esfinge era um monstro com peito de mulher, corpo de leão, garras e asas de águia. Propunha enigmas aos que por ela passavam e devorava todos os que não os decifravam. A Esfinge era a desgraça de Tebas, por isso, Creonte, irmão de Jocasta, e nesta altura ocupando o poder de Tebas desde a morte de Laio, oferecia o reino e a mão da rainha viúva a quem libertasse a cidade da Esfinge.

A Édipo a Esfinge perguntou: "Que animal anda de manhã sobre quatro pés, sobre dois durante o dia e sobre três à noite?" Ao que Édipo respondeu que era o homem, porque gatinha na infância, anda depois, e apoia-se na bengala na velhice. Assim, destruiu o poder do monstro, a Esfinge morreu, e Édipo assumiu o trono e desposou Jocasta³.

Na cidade de Tebas tinha-se instalado uma peste, que tudo tornava infértil, por indicação do Deus do Sol – Febo, Édipo quer vingar a morte de Laio, pois tal trará a cura para a cidade.

No contacto com Tirésias, adivinho cego, este diz a Édipo que é ele o assassino de Laio. Édipo não acredita e julga tratar-se de uma conspiração entre Creonte e Tirésias para que Creonte assuma o poder de Tebas. Mas, ao falar com Jocasta, e após reflexão, Édipo julga-se assassino do pai, marido da mãe e irmão de seus filhos, o que Jocasta nega.

Um mensageiro, vindo de Corinto chega a Tebas. Informa Jocasta, e depois Édipo de que Pólipo morreu, donde Édipo deverá assumir o trono de Corinto. O mensageiro diz a Édipo que foi ele quem o ofereceu a Pólipo e confirma-lhe que este não é filho de Pólipo. Foi ele quem o encontrou num vale de Citerão com os pés atados. Um pastor de Laio entregou-lho, na altura ele também era pastor.

¹ Síntese baseada na obra *Rei Édipo*, de Sófocles, in *Teatro Grego*, traduzido por Jaime Bruna, 1964, em São Paulo, pela editora Cultrix Lda.

² Bergeret (1984) refere uma certa confusão generalizada entre o que diz o primeiro e o segundo oráculo, esclarecendo que o primeiro apenas se refere ao parricídio mas não ao incesto.

³ Nesta altura começa o teatro. Até aqui há apenas um relato sobre o percurso de Édipo até Tebas.

Neste momento apercebemo-nos que Jocasta já sabe que está em incesto com o filho.

O pastor de Laio é Zagal, o qual também mandaram vir. Este vira Édipo a matar Laio. Zagal confessa tudo, como recebeu a criança de Jocasta e como a entregou ao outro pastor.

Jocasta mata-se enforcando-se. Édipo, com os alfinetes das vestes de Jocasta, esvazia os olhos.

Creonte assume que cuidará dos filhos de Édipo, e embora este lhe peça para o mandar para as montanhas de Citerão, Creonte quer consultar o oráculo e só depois decidirá sobre o destino a dar a Édipo.

A parte não encenada da peça retrata a violência fundamental:

1.º Jocasta manda matar o filho, é o infanticídio, para que o casal e especialmente Laio sobrevivam.

2.º Édipo deambula após a incerteza dos laços parentais, é de alguma forma a adolescência, a busca de identidade.

3.º Édipo mata o pai – parricídio, em defesa pessoal.

4.º Édipo mata a Esfinge – aqui representando uma figura materna matricida, também por uma questão de sobrevivência.

O presente que lhe oferecem por salvar a cidade é o poder do pai e o incesto com a mãe, mas vejamos, tudo é inconsciente em Édipo, na realidade ele não sabe destas relações de parentesco, e só quando cria a sua própria família emerge um passado horrível, que não pode ver, daí cega-se.

Para os gregos, o feminino estava ligado ao demoníaco, é a mãe quem abandona o filho com o objectivo de autoconservação, mas também é ela que experimenta todas as violências possíveis: mortíferas e sexuais, a morte do filho na sua mente durante muito tempo, a morte do marido e o incesto. O feminino tem em si a vida e a morte, é a mãe que dá a vida, é a mãe que dá a morte. Trata-se da mãe ameaçadora.

Para Bregeret (1984) a violência fundamental inicialmente vivida por Édipo é integrada no seio da nova relação familiar com os pais idealizados – Pólibo e Mérope, funcionando aqui a fantasia do romance familiar.

A fantasia de parricídio, na tragédia vivida no real, encontra-se tanto no pai como no filho. A luta de Laio com Édipo retrata uma reacção primária, ou vive um ou outro, não há ódio nem amor, é preciso conservar-se vivo seja a que preço for.

A tragédia de Édipo é composta pela violência sobre a qual repousa toda a actividade humana mais elaborada. Esta elaboração faz-se através do amor, de Eros, que permite a integração da violência numa relação onde há afectos. Esta integração visa a criatividade.

A violência fundamental vemo-la desde o acto de fecundação, na luta entre os espermatozoides: o que atinge o óvulo vive, todos os outros estão condenados à morte. O próprio desenvolvimento do ovo, elemento estranho ao corpo feminino, sobrevive lutando pelo seu crescimento, e hoje sabemos que o seu desenvolvimento é favorecido pela aceitação da

futura mãe deste ser dentro de si, que vai fantasiando e tornando cada vez mais real. De qualquer forma uma coisa é a gravidez em que o bebé é posse da mãe (e vice-versa), outra é o nascimento, a primeira grande separação. O face-a-face destes dois seres, em que um se encontra completamente desprotegido, desperta em ambos fantasias primárias. O bebé quer viver, e para tal luta com toda a sua energia, nem que tenha de devorar e matar a mãe. A mãe, por sua vez, carregando em si toda a história pessoal transgeracional, e lutando para a não emergência das fantasias de matricídio, terá de se dedicar a este ser e ajudá-lo em tudo, servirá como pára-excitação para o bebé, fará a leitura do seu sentir, transformá-lo-á, e com a sua ternura e carinho ajudará (e ajudar-se-á) a integração da violência na corrente libidinal, banho que proporcionará ao seu bebé. Quando falamos de mãe, falamos das figuras maternas, para o bebé o pai está fundido com a mãe: são os outros e ele.

Libido significa "energia dos instintos de vida que se reparte entre o eu e os objectos ou as pessoas" (in J. Almeida Costa & Sampaio Melo, *Dicionário de Língua Portuguesa*), deriva do latim *libido* como "desejo violento, paixão" (in A. Houaiss & M. S. Villar (2001), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*). Sem a atribuição do carácter sexual, a libido representa a paixão requerida entre a mãe e o bebé, o banho de amor desejado. Assim, o bebé desenvolve em si a fantasia de protecção por parte dos pais e partilha de amor com estes. Tal é o papel do grupanalista com todos os seus filhos:

- 1.º Estabelecimento de empatia.
- 2.º Base de confiança.
- 3.º Transformação, simbolização e elaboração das fantasias primitivas no seio da compreensão, que representa o amor materno. É uma fase muito precoce, não sexualizada, pré-edipiana, a maior parte das vezes não consciencializada, a que temos de estar atentos para permitir o salto edipiano da triangulação: filho + pai + mãe; eu + o outro + os outros; eu + o que eu penso + o que eu penso sobre o que penso. Já pode existir 2 e 3 e não apenas 1 ou 0 com a resolução das fantasias violentas.

Para Bergeret (1984), a violência fundamental representa a luta pela sobrevivência, enquanto a sexualidade se liga à manutenção da espécie. Nesta perspectiva o incesto está aquém da manutenção da espécie, pois a rivalidade com o pai e a diferença de gerações não o permitem. Mais, em termos biológicos e recorrendo apenas às leis de Mendel, enfraqueceria a espécie.

Na tragédia grega o diferente iguala-se, base da violência para René Girard (1972), Édipo fica com os mesmos atributos, poderes e desejos que o pai através da perda do diferente. Para o mesmo autor, as interdições permitem a existência da sociedade, e referindo-se à função dos interditos formulada em *O Erotismo*, de George Bataille, cita: "O interdito elimina a violência e os nossos movimentos de violência (entre os quais os que respondem ao impulso sexual) destroem em nós a calma organizadora sem a qual a consciência humana é inconcebível".

Em *Totem e Tabu*, (1913) Freud faz uma abordagem sobre a proibição das relações de consanguinidade em vários povos primitivos, que para ele constituem desejos incest-

tuosos, reprimidos e posteriormente inconscientes. O medo é mais forte que o desejo, daí a sua não concretização, o medo é o medo da represália, da sanção, da punição de tal ao pecado apenas reservado divino, ao pai, ao outro diferente e admirado. Por detrás do tabu está uma atitude emocional ambivalente, pois para Freud onde existe uma proibição há um desejo. Considerando o totem como os pais, as duas principais proibições do tabu são: não matar o totem e não ter relações sexuais com este. Nesta altura, Freud refere que Édipo tocou o totem – matou o pai e teve relações sexuais com a mãe. A sua teoria assenta no parricídio e incesto, mas o primeiro diz respeito à violência fundamental e o segundo à sexualidade. Freud não aprofunda a violência primária, chama-lhe pulsão brutal de autoconservação, e debruça-se principalmente sobre a importância da relação triangular.

Na relação dual, onde surge a violência fundamental, qual o destino a dar a tal força? Bergeret (1994) sugere que a aliança entre a corrente libidinal e a violência fundamental condicionam o futuro funcionamento psíquico. A boa integração da violência dará lugar à personalidade normal – neurótica, com a vertente simbólica, criativa e elaborativa. Direi que esta boa integração dará lugar à agressividade construtiva, definida como actividade combativa, como defesa de recursos, adaptativa, transformadora do meio e de si próprio. A agressividade destrutiva que Bergeret (1994) define apenas como agressividade corresponde a uma má integração da violência, e a sua secundarização dará lugar ao sadismo e perversão, havendo assim prazer na destruição do outro. A violência livre, sem integração, aparece nos movimentos suicidas e na autodefesa, não há ódio nem amor, há apenas a sobrevivência, relaciona-se com uma depressividade de base onde as falhas narcísicas abundam. Na guerra ou mato ou morro, mas o uso que se faz da guerra tem como ponto de partida não só a violência mas mais o prazer na violência, usa-se a violência em prol de uma agressividade destrutiva, tiram-se (ou direi roubam-se?!) recursos aos outros para o próprio bem-estar, para aumentar o narcisismo, para se igualarem a um Deus todo-poderoso, e para tal mata-se o outro detentor desses recursos. Vemos aqui uma perfeita perversão da violência primária.

Em conclusão, nesta pequena reflexão para a violência fundamental presente na tragédia de *Rei Édipo*, pretende-se alertar sobre a importância do instinto de sobrevivência e sua integração na corrente libidinal. Édipo viveu a violência do infanticídio, o abandono total, e sobreviveu no monte de Citerão. Experimentou as proibições humanas: o parricídio, o matricídio e o incesto. Sacrificou-se (para René Girard, 1972) ao cegar-se, no sentido de apaziguar a violência a que foi sujeito, sem que tal fosse da sua autoria pré-meditada. Mas em Édipo em Colono aparece-nos um Édipo responsável, que tem dentro de si um profundo conhecimento interno da violência arcaica e da sua integração na corrente libidinal, aceitando uma postura triangular, onde domina o diferente, a aceitação da diferença de gerações, a diferença de identidade e sua construção – é o grupanalista, aquele que sabe e pode descodificar as várias tramas psicológicas que surgem nos movimentos analíticos de regressão e progressão activados em cada e por cada elemento do grupo. Nesta peça, a rivalidade e o fratricídio são vividos por Édipo como algo já identificado e pensado, tal como o grupanalista vive as rivalidades no grupo entendendo-as como pré-genitais, onde o igual domina e a violência surge numa luta pelo diferente.

RÉSUMÉ

L'auteur présente une réflexion sur la violence fondamentale dans la pièce Œdipe Roi, de Sophocle. Son analyse tombe sur la première partie de la pièce, qui n'est pas représentée, où il trouve l'infanticide, le parricide et le matricide comme des formules de violence archaïques universelles. Le Groupe-analyste est comparé à Œdipe à Colonne qui a une connaissance profonde de sa vérité et qui a déjà intégré adéquatement la violence dans la chaîne libidinale.

MOTS-CLÉS

Violence, libido.

SUMMARY

The author shows a consideration on the essential violence in the play Oedipus the King of Sophocles. The analysis focus on the first part of the play, the one that is not acted, where it is found the infanticide, the parricide and the matricide as patterns of primary violence and universal fantasies. The Group-Analyst is compared to Oedipus at Colonus who has a deep knowledge of his truth and has already incorporated the violence in the libidinal flow.

KEYWORDS

Violence, libido.

BIBLIOGRAFIA

- BERGERET, J. (1984/2000), *La Violence fondamentale*, Dunod, Paris.
- BERGERET, J. (1994), *La violence et la vie*, Payot, Paris.
- COSTA, J. Almeida & MELO, Sampaio (s/d), *Dicionário de Língua Portuguesa* (5.^a ed.), Porto Editora.
- FREUD, S. (1913), "Totem e Tabu" in STRACHEY, J. (1996), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. XIII, pp. 13-162), Imago Editora, Rio de Janeiro.
- GIRARD, R. (1972), *La Violence et le sacré*, Pluriel, Paris.
- HOUAISS, A., e Villar, M. S. (2001), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Instituto Antônio Houaiss (Edição do Círculo de Leitores, em 2002).
- SÓFOCLES, "Rei Édipo" in *Teatro Grego* (1964), trad. por Jaime Bruna, Cultrix, Lda., São Paulo.
- , *Édipo em Colono*, trad. por Maria do Céu Zambujo Fialho, 1996, Minerva, Coimbra.